



DL-01

Ses. Esp. 06/05/10

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega do Título de Cidadão Baiano ao meu querido amigo, ao ex-deputado Emiliano José, proposta pela Bancada do PT. Convido para compor a mesa o Senhor Líder da Bancada do PT, deputado Paulo Rangel, representando toda a Bancada do Partido; convido o Senhor Chefe de Gabinete, Sr. Fernando Schmidt, representando o governador do Estado, Sr. Jaques Wagner; convido a Senhora Presidente em exercício do Tribunal de Justiça, desembargadora Maria José Salles Pereira; convido o Senhor Procurador Geral da Justiça Adjunto, José Gomes Brito, representante do Sr. Procurador Geral, Wellington César Lima e Silva; convido meu querido amigo, ex-governador do Estado da Bahia, Waldir Pires; convido a Senhora Defensora Pública Geral, Tereza Cristina Almeida; convido o Senhor Deputado Federal pelo Estado do Ceará, representante da Bancada do PT na Câmara dos Deputados, José Guimarães. Designo uma comissão composta pelos deputados Paulo Rangel, Valmir Assunção, Álvaro Gomes, Neusa Cadore e deputado Capitão Tadeu para conduzir a este recinto o nobre deputado Emiliano José.

(O homenageado adentro o Plenário.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Assistiremos à apresentação de um DVD sobre a vida do nobre deputado Emiliano José.

(Exibição do DVD.)



9898-IV

Ses. Esp. 06/05/10

Or. Paulo Rangel

Concessão de Título de Cidadão Baiano.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado Paulo Rangel, Líder do PT, para fazer a saudação ao homenageado.

O Sr. PAULO RANGEL:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia deputado Marcelo Nilo, Sr. Chefe de Gabinete do governador Jaques Wagner, Fernando Schmidt; Sr^a Presidente em exercício do Tribunal de Justiça Desembargadora Maria José Sales; Sr. Procurador-Geral da Justiça adjunto José Gomes Brito, representando o procurador-geral Wellington César Lima e Silva; Sr. ex-Governador do Estado da Bahia, uma das personalidades mais queridas e admiradas deste Estado, talvez o baiano mais importante vivo, Waldir Pires; (Palmas) Sr^a Defensora-Geral, Tereza Cristina Almeida; Sr. Deputado Federal pelo Estado do Ceará, Representante da Bancada do PT na Câmara dos Deputados, José Guimarães.

Senhor ex-deputado, grande figura de luta, e quando me perguntaram quais as maiores qualidades desse homenageado, eu coloquei o intelecto, mas sobretudo a combatividade de Emiliano José. (Palmas)

Quero também aqui, nesse momento, homenagear *in memoriam* o Sr. Emiliano José da Silva, pai de Emiliano; a Sr^a Maria Aparecida, que aqui se faz presente, genitora do homenageado (Palmas); seu filho, Teodomiro Pereira, que traz o nome de um grande revolucionário; seus irmãos Edvard, e Maria Aparecida, que aqui se fazem presentes.

Eu quero, Sr. Presidente, em primeiro lugar, dizer que não sou o único proponente desta homenagem. Esta é uma proposição formal da Bancada do Partido dos Trabalhadores, mais uma proposição que leva a assinatura de todos os grandes combatentes pela democracia e pela justiça social no Brasil e no Estado da Bahia.

Quero também, Sr. Presidente, dizer que hoje, Emiliano, temos aqui um problema muito sério, mas um problema positivo que é a falta de cadeira. Às vezes temos homenageados com cadeira sobrando e este não é o seu caso. E quem fala isso é um



deputado que foi proponente de um único título de cidadão baiano, que foi ao escritor Ariano Suassuna. Acho que esse dia nos faz refletir inclusive como parlamentares da responsabilidade que é dar o título de cidadão de um Estado, de uma cidade a alguém e ninguém mais merece esse título de cidadão baiano do que o nosso grande companheiro, grande revolucionário, Emiliano José.

(Lê) “Emiliano José da Silva Filho: iguaria do tabuleiro baiano.

*'A gente não pode escolher o lugar para nascer, mas a gente pode escolher o lugar para viver, ser feliz, estudar, formar família e fazer política. Então escolhi a Bahia'.
Emiliano José.*

Filho de Emiliano José da Silva e Maria Aparecida Barbosa da Silva, Emiliano nasceu em Jacareí, São Paulo, no dia 5 de fevereiro de 1946. Passou boa parte da infância no campo, na zona rural onde labutava junto aos pais e irmãos.

Apesar das dificuldades, nunca deixou se abater pela dura realidade de sua família. A vida mostrou-lhe o que era desigualdade e injustiça social. Seguindo em frente, nunca desistiu de lutar e assim prossegue até os dias de hoje. Emiliano é o tipo de ser humano que serve de exemplo: os obstáculos nunca o enfraqueceram e as descobertas sempre o impulsionaram.

Em 1960, aos quatorze anos, foi viver em Guarulhos com o objetivo de fazer o curso de datilografia e conseguir o seu primeiro emprego. Com este primeiro emprego e a continuidade dos estudos, na década de 1960, começou a formar as suas convicções políticas participando ativamente do movimento estudantil secundarista. Foi um dos diretores da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e pertenceu à Ação Popular, organização política de esquerda que enfrentou o regime militar instaurado após o golpe de 1964.

Ao optar pela militância na Ação Popular, passou a viver pelas causas políticas. Já na clandestinidade, sob perseguição dos militares, viajou por grande parte do Brasil sobrevivendo com a ajuda de simpatizantes do movimento. Onde e quando fosse preciso, ele se fazia presente, acreditando que mesmo sob forte repressão do AI-5 ainda era possível continuar na luta revolucionária. Mas quis o acaso ou o destino que o fim de linha de sua



militância na Ação Popular fosse na Bahia, precisamente em Salvador, no início dos anos 70, onde acabou por descoberto, preso e tendo seus direitos políticos cassados. Na prisão, de onde saiu quatro anos depois sob condicional, sobreviveu às atrocidades da repressão.

As mordaças da ditadura, porém, não foram suficientes para impedir sua trajetória. Livre, fez opção pela Bahia. Aqui deu a volta por cima: construiu família, graduou-se pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como jornalista, concluiu mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA e lecionou na Faculdade de Comunicação por 25 anos.

Como jornalista trabalhou em grandes veículos de comunicação do Brasil. Começou a carreira na Tribuna da Bahia. Passou pelo Jornal da Bahia, Estado de S. Paulo, O Globo e pelas revistas Afinal e Visão. Ele foi um ativo integrante da imprensa alternativa nos tempos da ditadura. Colaborou com os jornais: Opinião, Movimento e foi um dos fundadores do Em Tempo. Em 1977, no jornal alternativo baiano INVASÃO, que desafiava a ditadura militar, assinou a reportagem com o título “Chumbo Neles”, em que denunciava a contaminação dos operários da Cobrac (Santo Amaro da Purificação) por chumbo.

Atualmente, escreve artigos, resenhas e ensaios para o site da revista Carta Capital, para o jornal A Tarde e para a revista Teoria e Debate da Fundação Perseu Abramo. Além disso, é escritor com oito livros publicados.

Da Ação Popular, veio militar junto ao PT (Partido dos Trabalhadores)...”

Aliás, há de se fazer uma correção, pois Emiliano passou também pelo MDB e outros partidos. Peço-lhes desculpas pelo esquecimento.

(...) dando sequência, agora sem a repressão da ditadura, em sua luta por um país mais justo, solidário e democrático.

Ao final dos anos 80 tornou-se político e, assim, porta-voz das necessidades da população. Seus mandatos sempre receberam destaque na imprensa local e nacional. Emiliano foi deputado estadual constituinte pelo PMDB em 1988, quando se notabilizou pela inclusão na Constituição da Bahia de artigos em defesa da cultura e da religião negra. Foi eleito vereador do PT em 2000 e escolhido Líder da bancada em seu primeiro ano de mandato. Com mais que o triplo dos votos que o fizeram vereador, assumiu novo mandato de



deputado estadual entre 2003 e 2006, quando presidiu a Comissão para Assuntos da Comunidade Afrodescendente (CECAD) e dedicou-se à luta contra o racismo e em defesa da religião negra, perseguida pela intolerância religiosa, além de ter sido da Bancada do PT. Seus mandatos parlamentares foram marcados pela intransigente defesa do patrimônio público e da moralidade administrativa. Nunca mediu esforços para lutar em defesa dos interesses das classes populares. Participou ativamente da campanha que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva presidente da República, em outubro de 2002. Participou, também, intensamente do movimento político e social que levou à vitória do governador Jacques Wagner, do qual foi assessor de Gabinete por 2 anos.

Como suplente, exerceu o mandato de deputado federal em 2009. Neste curto período, apresentou projeto propondo a criação do Parque Nacional do Rio São Francisco; relatou projetos importantes como o Plano Nacional de Cultura, a promoção post mortem do diplomata e poeta Vinícius de Moraes; a inscrição dos nomes dos revoltosos de Búzios no Livro dos Heróis da Pátria. Da tribuna da Câmara defendeu o governo Lula, o governo Wagner, a Petrobras, o Programa Bolsa Família, as cotas nas universidades, todos rotineiramente atacados pelo neoliberalismo e pela oposição de Direita.

Em relacionamento ao caráter, ao bom senso, à capacidade de discernimento, à diligência política, à militância, ao papel de defensor ardoroso das causas sociais, à história de vida, enfim, à essência e ao desempenho como cidadão e político na luta pela justiça social na Bahia e no Brasil é que a Bancada do Partido dos Trabalhadores na Assembleia Legislativa da Bahia, hoje, 06 de maio de 2010, vem a Plenário tornar público que o companheiro e camarada Emiliano José é para estes deputados e militantes, sem exagero, uma referência dentro do partido. E mais ainda, está indubitavelmente entre os principais expoentes dos quadros políticos deste País. Em sendo assim, é preciso registrar que, apesar do título de cidadão baiano ser merecidamente seu, a honraria é toda nossa por ter você como iguaria deste grandioso e formidável tabuleiro baiano”.

Parabéns, Emiliano José! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-02****Ses. Esp. 06/05/10**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças das seguintes personalidades: deputados federais Alice Portugal, Luiz Alberto, Walter Pinheiro, Geraldo Simões, Daniel Almeida, Zezéu Ribeiro e Joseph Bandeira; deputados estaduais Valmir Assunção, Neusa Cadore, Gildásio Penedo, Tadeu Fernandes, Isaac Cunha, Fátima Nunes e Javier Alfaya; prefeito de Vitória da Conquista, Guilherme Menezes; Dr. Celso Castro, diretor da Faculdade de Direito; Walter Pinheiro, diretor da *Tribuna da Bahia*; Sílvio Simões, diretor de *A Tarde*; Reub Celestino, diretor da Ebal; Edival Passos, diretor do Sebrae; Jonas Paulo, presidente do Partido dos Trabalhadores; presidente da Desenbahia, Luiz Alberto Petitinga; desembargadora Lealdina Torreão; vereadora Vânia Galvão; cônsul do Japão, Emilton Rosa; Padre Amaro, prefeito de Santa Maria da Vitória; Tuna Espinheira, cineasta.

Assistiremos a apresentação musical do cantor Xangai.

O Sr. Xangai:- Boa-tarde. Sinto-me honrado em poder participar desta solenidade. Por o homenageado se tratar do professor e deputado Emiliano José, um amigo, desnecessário torna-se dizer do grau de importância que tem esse cavalheiro para nós todos, daqui, da Bahia, e do Brasil.

Eu quero homenageá-lo recitando um poema de um grandiosíssimo poeta e compositor brasileiro; muitas vezes esquecido de quem pode reconhecer. O que é preciso, Emiliano, antes, é reconhecer para que não seja necessário resgatar. Estou falando de Elomar, que não precisa pagar pedágio no transitar poeticamente entre o português clássico camoniano e a maneira que fala o povo da roça.

Dr. Waldir, diz Elomar assim na Cantiga do Estradar:

Tá fechando sete tempo qui miã vida é camiá

Pulas istrada do mundo dia e noite sem pará

Já visitei os sete rêno adonde eu tiã qui cantá

Sete didal di veneno traguei sem pestanejá



*Mais duras penas só eu vêno ôtro cristão pra suportá
Só irirmão do sofrimento de pauta véa c'a dô
Ajuntei no isquicimento o qui o baldono guardô
Meus meste na istrada e o vento quem na vida mi insinô
Vô me alembrano na viage das pinura qui passei
Daquelas duras passage nos lugari adonde andei
Só de pensá me dá friage nos sucesso que assentei
Na miã lembrança ligião de condenados nos grilhão acorrentados
Nas trevas da inguinorânça sem a luz do grande Rei
Tudo isso eu vi nas miã andança nos tempo que eu bascuiava o trecho alei
Tô de volta já faiz tempo qui dexeí o meu lugá
Isso si deu cuano moço qui eu sai a percurá
Nas inlusão que hai no mundo nas bramura qui hai pru lá
Saltei pur profundos poço qui o tinioso tem pru lá
Jesus livrô derna d'eu môço do raivoso me panhá
Já passei pur tantas prova inda tem prova a infrentá
Vô cantano miã trovas qui ajuntei no caminhá
Lá no céu vejo a luã nova cumpaniã do istradá
Ele insinô qui nós vivesse a vida aqui só pru passá
Nóis intonce invitasse o mau disejo e o coração
Nóis prufiasse pra sê branco inda mais puro
Qui o capucho do algodão
Qui num juntasse dividisse nem negasse a quem pidisse
Nosso amô o nosso bem nosso terém nosso perdão
Só assim nós vê a face ogusta do qui habita os altos céus
O piedoso o manso o justo o fiel e cumpassivo
Sião de mortos e vivos nosso pai e nosso deus
Disse qui haverá de voltá cuano essa terra pecadora
Marguiada im transgressão tivesse chêa de violença*



De rapina de mintira e de ladrão” (Palmas!)

Vim cantando, um pouco antes, uma moda de um grande brasileiro. Houve uma época em que os brasileiros que faziam música e poesia, e que eram chamados de subversivos, foram perseguidos tanto, ou tão quanto vosmecê, meu deputado Emiliano, também o fora, e um deles teve que ir embora do Brasil, e de lá ele sentiu saudade da sua amada e escreveu uma canção para ela, e que eu digo que também foi para sua, nossa pátria também amada.

O nome dele é Geraldo Pedrosa; nós o conhecemos pelo nome de Geraldo Vandré.
(Apresentação musical) (Palmas)

**9899-IV****Ses. Esp. 06/05/10****Or. Waldir Pires****Concessão de Título de Cidadão Baiano.**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças da chefe da Casa Civil Eva Maria Chiavon; do secretário da Cultura Márcio Meirelles; do secretário de Desenvolvimento Urbano Cícero Monteiro; do secretário da Educação Osvaldo Barreto; do secretário de Relações Institucionais César Lisboa; do secretário da Saúde Jorge Solla; do Sr. Robinson Almeida, assessor geral de comunicação do governo do Estado; da assessora especial do governo do Estado Regina Afonso; do secretário da SAEB Manoel Vítório, representando a secretária de Ciência e Tecnologia Sr^a Selênia Granja; dos ex-deputados Celso Dourado, Hildérico Oliveira, Sargento Isidoro, Fábio Dantas, Ewerton Almeida e Roque Aras; do prefeito de Amélia Rodrigues Toinho; de Zulu Araújo da Fundação Palmares; de André Curvello secretário de Comunicação da prefeitura, representando o prefeito João Henrique; da vice-reitora da UNEB Amélia Tereza; do ex-deputado Domingos Leonelli; e do conselheiro Zílton Rocha.

Convidamos para saudar o homenageado o ex-governador Waldir Pires.

O Sr. WALDIR PIRES:- Sr. Presidente deputado Marcelo Nilo; Sr. Líder da Bancada do PT companheiro Paulo Rangel, que acaba de saudar nosso grande homenageado; Sr. Chefe de Gabinete Fernando Schmidt, representando o governador Jaques Wagner; Sr^a Presidente em exercício do Tribunal de Justiça da Bahia, desembargadora Maria José Sales Pereira; Sr. Procurador Geral de Justiça Adjunto José Gomes Brito, representando o procurador geral; Sr^a Defensora Pública Geral Tereza Cristina Almeida; Sr. Deputado Federal pelo estado do Ceará, representante da Bancada do PT na Câmara dos deputados, velho companheiro e ainda tão jovem, José Guimarães; Sr^{as}. e Srs. Deputados Federais aqui presentes; Sr^{as} e Srs. Deputados Estaduais; Srs. Secretários e Secretárias de Estado; todas as autoridades; todos os representantes e dirigentes de jornais, da imprensa.

Meu querido homenageado Emiliano José, eu confesso que gostaria de ter recebido a notícia um pouco mais recuada no tempo, para que aqui dissesse de plena e ampla



convicção documentada na alma, bem como nos episódios na convivência, o meu depoimento sobre Emiliano José, mas eu soube faz pouco tempo.

Quero dizer-lhes que é uma beleza esta manifestação, ao mesmo tempo em que quero parabenizar a Assembleia Legislativa por estar conferindo o Título de Cidadão da Bahia a Emiliano José. Isto é um sinal dos tempos de civismo que nós estamos vivendo e de expectativas, de esperanças e de convicções.

Esta Assembleia homenageia não apenas o ex-deputado, que ainda muito jovem foi contemporâneo em suas tarefas do Legislativo, num pedaço da minha fase de governador da Bahia. Desde aquela ocasião que fiz o perfil, dentro da minha consciência, a ideia acabada de homem com grande vocação pública e política.

Emiliano José optou pela Bahia, esse é o título maior para que hoje nós todos nos sintamos, absolutamente, confraternizados com a Assembleia Legislativa da Bahia, por uma homenagem dessa grandeza, essa ampla marca de unanimidade em todos os setores da sociedade baiana, ao rapaz que aqui chegou nos sonhos da juventude, lutando pelo Brasil, por uma sociedade diferente, carregado de sonhos, de sentimentos, de marca, de heroísmo, em determinados instantes, e que depois, aqui, conosco, tendo sido estigmatizado e conduzido a momentos tão perversos da vida política que a ditadura impôs aos jovens e às cidadãs e cidadãos brasileiros, ele continuou escolhendo a Bahia com mérito, portanto, de quem não apenas aqui nasceu, como muitos de nós nascemos num acidente da vida humana.

Mas ele escolheu, fez a opção e se tornou professor universitário com graduações das mais elevadas, sucessivas, jornalista respeitado, com características muito firmes de lealdade a essa tarefa extraordinária que é a do homem de imprensa ajudando a construir a consciência social e a consciência política de todo nosso povo.

Tornou-se um de nós. Recentemente, no exercício do mandato de deputado Federal, por um prazo reduzido, fez a demonstração inequívoca de sua competência, de sua dedicação, sobretudo na não perda dos objetivos essenciais que orientam e que inspiram a vida política, sobretudo num País como o Brasil, num tempo como o nosso em que precisamos, cada vez mais, nos habituar à ideia que as circunstâncias do mundo e da história foram gradativamente nos conduzindo a admitir, a convicção de que incumbe ao Brasil dos



tempos de hoje uma tarefa, eu diria uma missão, que provavelmente nosso Continente, nossas áreas aqui deste Hemisfério Sul precisarão de efetivar, conceber, criar as condições para que o mundo de hoje possa ser um mundo consolidador da civilização humana.

Creio que este País está convocado a isso e que precisará de pessoas, de companheiros da inteligência, dos critérios, da idoneidade, temos tantos, para afinal ajudar a definir para nosso País o que provavelmente já não incumbe às outras partes do mundo contemporâneo, ao meu juízo, já não faz parte de algumas das incumbências de continentes e de países que se perderam ao longo da civilização. Hoje nós vamos nos convencendo de que aquela ideia tão acumulada pelos estudos de nós todos de que afinal todo processo da civilização humana vai depender essencialmente do tipo das relações políticas, da natureza das relações sociais, das relações econômicas e das relações culturais que possam determinar, de uma vez por todas, num dos instantes raros de todo o processo civilizatório, vai determinar o encontro de cordialidade e de paz entre as pessoas, entre as nações, entre as cidadãs e os cidadãos, definindo o que é política. Na realidade, a compreensão de tudo que ocorre na política se aplica ou não se aplica por via do crescimento da própria inteligência humana, do conhecimento que resulta da inteligência humana, do conhecimento que não é acompanhado, que não é conduzido, que não é leal a esse objetivo maior e definitivo da vida em sociedade, da vida gregária. O homem é um ser gregário, o homem é um ser humano, o homem e a mulher nasceram para viver juntos, portanto, têm que construir a convivência. Na construção da convivência, é preciso cultivar a paz. E tudo isso se altera ou não se altera segundo os instantes da história, em que nós marcamos que avançamos de forma inteligente no conhecimento e produzimos tecnologias, produzimos ciência. E, ao mesmo tempo, não produzimos as mudanças nas relações sociais, as mudanças nas relações econômicas, as mudanças nas relações políticas, para que o fruto dessa acumulação dessa inteligência que faz a tecnologia e que faz a ciência avançar uma toda a humanidade, sirva a toda a humanidade. Não seja a acumulação estúpida, mesquinha que, no aproveitamento da tecnologia e da ciência, separa, divide, estabelece privilégios gigantescos e exclusões de uma injustiça brutal, sem nenhum compromisso com o que é a humanidade.



Emiliano é dessa estirpe, e muitos companheiros com os quais convivo, tantos. Sei que este é o objeto da nossa luta, é que sejamos coerentes no mundo de hoje, é dizer que queremos democracia porque queremos que sejamos iguais, que sejamos livres.

O Brasil vai ter que dar uma contribuição na linha dessas perspectivas de conquista. Creio que o mundo mais velho, esse mundo que durante alguns séculos, sobretudo os últimos, até nos comandaram no campo das ciências jurídicas, sociais, pretenderam ser exemplares conosco, no entanto, produziram um mundo tão difícil, como é o mundo em que nos encontramos hoje vivendo.

Creio que esse é o desafio que está aí posto para nós. A grande verdade é que a essência da democracia, eu diria até um pouco mais, eu diria que a grande verdade é que a ética da democracia é a solidariedade humana, a solidariedade de todos, é a comunhão para todos de todas as conquistas da inteligência humana. E é para isso que estamos desafiados, que sabe, implantar as primeiras sementes, fazermos não como fizeram algumas nações no passado, que nos transmitiram algumas lições nos campos vários das nossas atividades intelectuais ou políticas, quando às vezes a tecnologia e a ciência se acumularam em áreas muito restritas da humanidade de hoje produzindo um grau de desrespeito, de injustiça e de desigualdades terríveis.

Quando se proclamou a democracia e se disse que se estavam estruturando relações democráticas em uma sociedade avançada e até estabeleciam as regras das relações não apenas sociais, políticas ou econômicas, mas, sobretudo, das relações jurídicas, que eram altamente excludentes. Quando falávamos da democracia dos ingleses, a grande revolução dos ingleses numa fase bonita da humanidade, fim do século XVII, começo do século XVIII e outorgavam mandamentos e conquistas como a do *habeas corpus*, por exemplo, como um sinal do mundo novo..

A verdade é que esse *habeas corpus* significava simplesmente para eles mesmos, e não para nós. As liberdades democráticas eram para eles mesmos, os donos do poder, os donos da ciência, os donos da tecnologia, mas não para os outros, para o restante da humanidade. Para o restante da humanidade era opressão, o colonialismo, a espoliação, a fome, a escravidão.



Quando nós vemos, por exemplo, que na construção da democracia do mundo, no século XVIII, antes da revolução da Bastilha, antes da Declaração dos Direitos do Homem, em 1789, uma nação como os Estados Unidos, declarando-se democrática, editou uma declaração mais, digamos, recuada no tempo, anterior à grande Declaração dos Direitos do Homem, da Bastilha. Quando a Declaração de Filadélfia se instaura para orientar a democracia norte-americana, ela diz: “Estamos formando uma nação em que todos somos iguais, todos nascemos iguais em direitos e obrigações”. Mas, nesse mesmo instante, foram capazes de, paralelamente a essa declaração, estabelecer o regime da escravidão nos Estados Unidos. E foi necessário 1 século de luta para depois surgir o Lincoln e fazer uma luta de supressão e de derrota da escravatura.

De forma que essa concepção da política do nosso tempo deve compreender que a tecnologia e a ciência têm que estar paralelamente avançando com as relações jurídicas, sociais, políticas e econômicas, para que isso não seja uma mentira num mundo que ficou muito pequeno, que é uma aldeia em que nós todos nos conhecemos. Você sabe o que está acontecendo no extremo leste da Ásia ou no extremo oeste da África, da Oceania, ou dos Estados Unidos. Esse é o desafio.

A participação de Emiliano na luta política do Brasil, assim como a de muitos companheiros nossos, tem esse sentido de dizer que acreditamos na democracia, porque acreditamos que ela é a ética da vida humana, é a ética da pessoa humana, é a ética da dignidade humana. Esse é o destino, é a luta comum, a meu juízo, de nós todos.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 06/05/10

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar a mãe do homenageado, Maria Aparecida Barbosa da Silva, o seu filho, Teodomiro Pereira da Silva, o seu irmão, Edvar Aparecido da Silva, o ex-governador Waldir Pires e o deputado Paulo Rangel, representando a Bancada do PT, para, juntos, entregarmos o Título de Cidadão Baiano ao ex-deputado Emiliano José. (Palmas)

(É feita a entrega do Título de Cidadão Baiano.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças do desembargador do TRT, Renato Simões; do ex-deputado Carlos Marighella; de Nelson Simões, chefe do Cerimonial do governo do Estado; do conselheiro Zilton Rocha; do deputado estadual, 1º Secretário desta Casa, deputado Roberto Carlos; Nilton Cruz, diretor-presidente da Sudic; coronel Francisco Leite, do CPM; do coronel Péricles, da Polícia Militar; do coronel Everaldo Mendes, comandante da Região Norte da PM.



9900-IV

Ses. Esp. 06/05/10

Or. Emiliano José

Concessão de Título de Cidadão Baiano.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao nobre baiano, conterrâneo, Emiliano José. (Palmas)

O Sr. EMILIANO JOSÉ:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, querido amigo, companheiro, Marcelo Nilo, com quem tive a honra de compartilhar aqui em algumas ocasiões e que tenho visto e admirado a sua condução dos trabalhos nesta Casa; querido amigo e companheiro de Partido, Líder da nossa Bancada do PT, deputado Paulo Rangel, que me dirigiu palavras tão carinhosas; querido amigo Fernando Schmidt, chefe de gabinete do governador Wagner e representante do governador Wagner aqui nesta solenidade; Sr^a Presidente em exercício do Tribunal de Justiça, desembargadora Maria José Salles Pereira; Sr. Procurador-Geral de Justiça adjunto José Gomes Brito, também companheiro e amigo de tanto tempo, que representa aqui o querido amigo, procurador-geral, Wellington César Lima e Silva; querida amiga Tereza Cristina Almeida, defensora pública geral; querido amigo, companheiro de tanto tempo, ex-governador do Estado, nosso senador Waldir Pires (Palmas)

Querido amigo deputado José Guimarães, quero agradecer profundamente a sua gentileza de se deslocar de lá das terras do Ceará para estar aqui conosco. Foi meu companheiro de Bancada lá, no Congresso Nacional, por alguns meses. Orientou-me muito, ajudou-me muito na minha chegada. É um companheiro de grande valor, e está representando a nossa Bancada do PT. Muito obrigado, deputado José Guimarães. (Palmas)

Este, naturalmente, é um dia muito especial. Olho para este Plenário e para as Galerias e constato a natureza especial deste dia, um daqueles dias que marcam as nossas vidas para sempre. Este é um dia que jamais esqueerei. Sou acolhido como cidadão da Bahia, cidadão desta terra tão querida, terra tão diversa e tão alegre. E uma terra assim diversa, alegre porque o povo da Bahia é assim. Este povo assim me abraçou, acolheu-me com um carinho imenso desde a minha chegada aqui.



Recebo essa honraria, o Título de Cidadão Baiano – batizado baiano, portanto –, celebrando a presença de minha mãe, Maria Aparecida, para mim tão cara, que me deu lições de bem viver (Palmas) e de viver corretamente, e do meu querido irmão Edvar, que tem sido, para além dos laços de sangue, um amigo inseparável, juntamente com sua esposa, Denise, também aqui presente, uma querida amiga. (Palmas) E também celebro de modo muito especial a presença do meu querido filho, Teodomiro, parceiro de toda a vida. (Palmas)

E celebro, naturalmente, a presença de tantos amigos e tantas amigas, centenas de amigos e amigas, a presença tão carinhosa e tão emocionante que torna esse batismo muito especial, porque é emocionante receber o carinho de tanta gente e receber de uma forma espontânea, de gente que veio da Bahia toda nos ver e nos ouvir aqui.

Abraço os amigos de Salvador, da Região Metropolitana, do Sisal, do Nordeste da Bahia, do Vale do Rio Corrente, do Vale do Rio Paramirim, da Chapada Diamantina, do Recôncavo, os das beiradas do Rio São Francisco, as variadas beiradas do São Francisco, do Oeste, do Litoral Norte, do Extremo Sul e de tantas regiões da Bahia, tantos companheiros, tantas companheiras que se deslocaram até aqui, estimulados pela amizade, esse sentimento maior da Humanidade: amizade e companheirismo, amizade e compartilhamento de ideais comuns.

Agradeço este batismo à Assembleia Legislativa da Bahia. Já passei por esta Casa duas vezes, e nessas duas vezes, a par dos intensos debates de que participei, e não foram poucos, das inúmeras divergências que enfrentei e que protagonizei, a par disso tudo, devo registrar o número de amigos que fiz, para além das diferenças políticas. A política tem essa característica civilizatória, você não precisa pensar de modo igual para estabelecer relações, para fazer amizades. Consegui fazer muitos amigos, muitos, nesta Casa que aprovou por unanimidade a concessão do Título de Cidadão Baiano a este paulista de nascimento, baiano por opção.

Faço um agradecimento especial à Bancada do meu Partido pela generosidade da proposta, e o agradecimento se dirige ao deputado Paulo Rangel, que, como Líder, representa os deputados e as deputadas do meu partido, o Partido dos Trabalhadores.

Eu agora faço, não tem jeito, uma viagem no tempo.



Lembro-me de que cheguei à Bahia num ponto do bairro da Saúde, com senha e tudo. E quem me recebeu, e ela está presente, foi a hoje médica Cleuza Zanetti, mulher de José Carlos Zanetti, que está aqui conosco. Cleuza tornou-se uma amiga queridíssima. Vocês sabem: marcar um ponto era marcar um encontro, normalmente entre pessoas clandestinas, que não se conheciam, Eu não conhecia Cleuza, mas tinha uma senha, um ponto, um lugar, e lá eu ia encontrá-la. Ricardo Melo, que está aqui, veio de Goiás só para esta solenidade, também marcou muitos pontos e recebeu muita gente vinda de fora. Marcava um ponto, um encontro, depois você encontrava pessoas que não conhecia e construía uma amizade eterna. Foi, assim, com Cleuza, por exemplo.

Nós éramos – eu, Cleuza, Zanetti, Ricardo Melo e tantos outros – da Ação Popular, uma organização revolucionária que lutou bravamente contra a ditadura militar. Cheguei como cidadão clandestino à Bahia, sem lenço e sem documento. Ao menos sem os meus documentos verdadeiros.

Eu era Pedro Luiz Viana na identidade falsa que trazia no bolso. E Cleuza, dona Conceição, mãe dela, Ana Lobo, que também está aqui, vizinha dela, todas me trataram com muito zelo, cuidado, carinho, eu chegando clandestino na Bahia, vi deputado Geraldo Simões? E depois dona Rosinha, seu Haziél, Viderval, estou lembrando dos primeiros que me abraçaram aqui nesta terra. Estes foram os meus primeiros encontros, e primeiros contatos com o povo da Bahia, generoso, acolhedor, carinhoso. É evidente que não vou listar os nomes de tantos e tantos os milhares que me acolheram e abraçaram, na Bahia, particularmente, naquele início de 1970. E eu clandestino, porque o clandestino é uma espécie muito singular, pois ele vai para uma casa, vem para outra. Era assim, é difícil imaginar isso hoje. Mas nós tínhamos uma sucessão de cuidados para existir, circular, falar, reunir, e tantos nos acolheram naquela condição. Hoje, pensar isso é muito difícil. Mas você ser recebido naquela condição era extraordinário, pela coragem, também, das pessoas que o acolhiam.

No final de 1970, em novembro, fui preso pela ditadura militar. Soube, rapidamente o que era o inferno. Eu conheci o inferno de perto. (Palmas)



Passei quase quatro anos na Penitenciária Lemos Brito. Aqui estão alguns companheiros que passaram comigo e aproveito para abraçar a tantos companheiros e companheiras que também conheceram a prisão e o inferno.

Simbolizo a presença desses companheiros nas extraordinárias figuras de Luiz Contreiras, comunista, companheiro, extraordinária figura da luta política em nossa terra, e de Olderico Campos Barreto, que não morreu por acaso, pois levou tiros na caçada ao Capitão Carlos Lamarca, lá no Buriti Cristalino, em Brotas de Macaúbas.

E homenagem, também, aqueles que compartilharam conosco da prisão, e que já se foram. Homenageio todos eles na pessoa de Magno Burgos, que partiu recentemente, companheiro que reunia, ao mesmo tempo, simplicidade, sabedoria, humildade e erudição.

Saindo da prisão, comecei outra e a mesma história. Em momentos como este, de tanto significado, somos levados a nos perguntar sobre aquele momento atrás, e não é simples fazer essa reflexão, e sobre como cada um de nós se incluía na história.

(Lê) “Somos levados a mergulhar um pouco na própria alma, no mais íntimo da nossa alma, a nos perguntar sobre o nosso papel no mundo, sobre como éramos e como nos transformamos ao longo do tempo.

Eu era então um jovem de 24 anos quando cheguei à 'querida' Bahia. Cheguei enlouquecido de esperança, envolvido inteiramente pela ideia de mudar o mundo. Éramos uma geração apaixonada pela revolução.

Hoje, ao olhar para trás, é curioso observar que, em tempos tão sombrios como aqueles, sob uma ditadura tão violenta, fôssemos tão embalados por sonhos tão generosos e tão ousados.

Nós que amávamos tanto a revolução vínhamos envolvidos pelos sonhos de Sierra Maestra, pelos ideais de Che Guevara, pela têmpera de Ho Chi Min, pelos exemplos da Revolução Chinesa, pelas lutas de libertação da África.

Nós que amávamos tanto a Revolução acreditávamos nela e nos lançávamos à luta contra a ditadura superando tudo, inclusive os nossos medos.”

Não é que não tínhamos medo, é que enfrentávamos o medo e íamos além lutando e continuando a lutar contra a ditadura.



(Lê) “Queríamos o socialismo, queríamos uma sociedade que fosse uma festa de trabalho e pão, queríamos a repartição dos bens, uma sociedade igualitária. E queríamos fazer isso sem temer obstáculos, afrontando as armas e dispostos à luta armada contra a ditadura.

De alguma forma, éramos jacobinos e socialistas. Generosos e leninistas. Acreditávamos que podíamos mudar o mundo, transformá-lo com a nossa ação, com a nossa vontade, tínhamos a convicção de que chegaríamos a uma nova sociedade. *'Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.'*” Nós nos lembrávamos disso: (lê) “*A mão que toca um violão, se for preciso, faz a guerra.*”

Cantávamos isso. Cantávamos todos nós que afrontávamos os que à época defendiam que tínhamos que lutar mesmo de armas na mão. Existiam outros que acreditavam de modo diverso, tinham a mesma coragem nossa, mas achavam que não era de armas na mão. Também lutaram, e lutaram bravamente. E citei aqui Luís Contreiras como símbolo de uma outra perspectiva, mas da mesma luta, da mesma coragem e da mesma disposição. Posso citar outro noutra ponto, que é o companheiro Paulo Pontes, que está aqui entre nós, era de outra perspectiva como nós.

(Lê) “Éramos assim os que amávamos tanto a Revolução. Éramos assim os que lutamos por isso, os que morremos por isso, os que nos exilamos por isso, os que fomos torturados por isso.

Eu cheguei à Bahia com esse espírito. E me integrei à atividade revolucionária...” aqui, fui dirigente da Ação Popular com esse espírito.

(Lê) “(...) E fui preso com esses sonhos na mente. E foi na cadeia, estudando, estudando...”

Cadê Peri? Falcon, que está aqui e trabalha nesta Casa, foi meu companheiro de cadeia, foi um dos que muito participaram com a gente dos grupos de estudo que formamos na cadeia. A cadeia não foi só ficar lá deitado, a gente formou grupos de estudo, grupos de trabalho, estudávamos muito. E foi estudando, refletindo, pensando que fui modificando o meu pensamento, sem que deixasse de lado os sonhos de libertação da humanidade, sem que deixasse pelo caminho a perspectiva da construção de uma sociedade socialista.



O estudo e a prática política posterior à minha saída da prisão me deram a convicção de que a democracia é o território essencial sobre o qual nós podemos e devemos fazer as transformações que a humanidade reclama e que a sociedade brasileira reclama.

Foi aqui nesta terra tão querida que alicersei a noção de que não há transformações políticas sem que o povo as faça.

Foi assim, por exemplo, que o povo brasileiro, depois de tanto tempo, elegeu pela primeira vez um presidente operário para dirigir os seus destinos, e o fez a maior liderança de nossa história.”

Luiz Inácio Lula da Silva. (Palmas.)

(Lê) “Lula é fruto do povo brasileiro. Lula é o povo brasileiro.

Essa foi uma revolução interior. Mantinha em meu espírito aquele núcleo dos sonhos de juventude, valorizava aquela herança tão rica, tão generosa, e compreendi agora que nossa ação política só tinha sentido quando em comunhão com o nosso povo, com a classe trabalhadora, com todos os que pretendiam um Brasil que pudesse abraçar todos os seus filhos.

E sempre com base na democracia, sem qualquer tentação autoritária, valorizando profundamente as liberdades.

Era como se disséssemos: heróis bem que tentamos ser, generosa e equivocadamente.

Hoje, agora, queremos participar de projetos coletivos, amplos, nos dissolver na multidão sem perder a noção da importância da luta política, que deve ser feita por todos.

E nunca queremos perder a nossa capacidade de nos indignar com as injustiças. E nem perder a disposição de lutar contra elas.

A Bahia me deu régua e compasso para essa Revolução.

Nós, os que fomos tomados de paixão pela Revolução, seguimos o nosso caminho, até os dias de hoje, fiéis àquela paixão, e lutando dia a dia para a construção de uma sociedade democrática e socialista. Com outra visão e os mesmos sonhos.

Orgulho-me de junto com o povo da Bahia ter participado da luta política nesta terra desde o momento de minha chegada em 1970. Aqui, resistimos à ditadura, resistimos



ao poder autoritário que se estabeleceu no Estado, lutamos contra a marginalização a que foi submetido o nosso povo no processo cruel da modernização conservadora do Estado, ocorrida sintomaticamente durante a ditadura militar.

Vivemos intensamente a construção das forças da resistência e comemoramos a extraordinária vitória dessas forças, em 1986, com a nossa principal liderança de então, o governador Waldir Pires. (Palmas)

Depois disso, vivemos ainda um longo período de domínio das forças conservadoras, e finalmente, mais uma vez.”

Por força da decisão do nosso povo.

(Lê) “foi possível comemorar a extraordinária vitória de Jacques Wagner, 20 anos depois da vitória de Waldir. (Palmas). Uma extraordinária vitória, e a implantação de um governo que está mudando a vida do povo baiano, e que, tenho sólida convicção, irá seguir adiante num segundo governo.”

Também por decisão do nosso povo.

(Lê) “Como tenho certeza de que uma mulher, nossa querida companheira Dilma Rousseff, irá cumprir o terceiro mandato do projeto político que vem sendo desenvolvido desde 2003 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, (Palmas) que tanto tem mudado a vida do povo brasileiro, especialmente dos mais pobres.

Tive o privilégio de me tornar filho da Bahia. Aqui fui jornalista, aqui fui professor, aqui fui e sou militante, aqui escrevi muitos livros, conheci de perto, vivi de perto, vivo de perto a Bahia. A Bahia profunda de João de Deus, de Manoel Faustino, de Lucas Dantas, de Luiz Gonzaga das Virgens, os quatro heróis da Revolta dos Búzios, enforcados na Praça da Piedade, no dia 8 de novembro de 1799 por pretenderem o fim da escravidão.

Conheci a Bahia profunda do sertão do Conselheiro.

A Bahia do Recôncavo e a Bahia do Sertão.

A Bahia das lutas camponesas e das lutas operárias.

A Bahia de Carlos Marighella. (Seu filho está aqui, hoje, entre nós)

A Bahia Ilê Ayê e do Olodum. (A Bahia dos negões)

A Bahia de Mãe Menininha.



A Bahia de D. Avelar Brandão Vilela.

A Bahia de Celso Dourado e Djalma Torres.

A Bahia de D. Timóteo Amoroso Anastácio

A Bahia das Sambadeiras.

A Bahia de Dorival Caymmi.

A Bahia de Jorge Amado.

A Bahia de Castro Alves.

A Bahia do canto eterno da liberdade. (Palmas)

Parece que sou filho desta terra desde sempre. Parece que desde menino eu já cantava:

Eu não sou daqui, marinheiro só, eu não tenho amor, marinheiro só; eu sou da Bahia, marinheiro só, de São Salvador, marinheiro só... (Palmas)

De São Salvador e de toda a Bahia. Grande Bahia. Generosa Bahia. Acolhedora Bahia.

Hoje posso dizer com orgulho: sou da Bahia. E agradecer, agradecer de todo coração ao povo da Bahia, a esta Assembleia Legislativa, legítima representante do povo desta terra, por este presente, que eu carregarei no coração por toda a minha vida. Com humildade e responsabilidade.

Muito Obrigado a todos. (Palmas)”

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-04****Ses. Esp. 06/05/10**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Meu querido amigo, deputado Paulo Rangel, Líder do PT; Fernando Schmidt, representante do governador do Estado, Sr. Jaques Wagner; Sr^a Presidente em exercício do Tribunal de Justiça, desembargadora Maria José Salles Pereira; Sr. Procurador-Geral de Justiça adjunto, José Gomes Brito, representante do Procurador-Geral, Wellington César Lima e Silva; Sr^a Defensora Pública Geral, Tereza Cristina Almeida; Sr. Ex-governador do Estado da Bahia, meu querido amigo Waldir Pires; Sr. Deputado Federal pelo Estado do Ceará, representante da Bancada do PT na Câmara dos Deputados, José Guimarães; meu querido conterrâneo Emiliano José, hoje é um dia muito especial para esta Casa, a Casa do contraditório, a Casa de forças plurais, de forças heterogêneas, a Casa das Leis, Casa muito rígida na concessão de títulos de cidadão baiano.

A Bancada do PT indicou a esta Casa a concessão do Título de Cidadão Baiano ao companheiro Emiliano José, que foi aprovado, em votação secreta, por unanimidade. Esta aprovação foi pelos frutos que ele nos trouxe.

Emiliano José, pela decisão de duas pessoas, os seus queridos pais, nasceu em São Paulo, mas pela decisão de mais de 14 milhões de baianos, passa a ser mais um baiano. Tive o prazer de conhecê-lo através de seus livros, através de seus artigos, através da sua história, mas tive a honra de conhecê-lo com mais profundidade aqui nesta Casa. Quantas noites estivemos aqui, Emiliano, ao lado de bravos companheiros, como a deputada Moema Gramacho, como a deputada Lídice da Mata, como a deputada Alice Portugal, como o deputado Nelson Pellegrino, como o deputado, saudoso companheiro Paulo Jackson. (Palmas) Cada um colocando uma gota d'água no oceano para que pudéssemos chegar a momentos como os de hoje de vermos uma Bahia livre, democrata; de vermos uma Bahia com um governo republicano.

Portanto, Emiliano, valeu a pena quando você lutou contra a ditadura, valeu a pena quando estivemos aqui nesta Casa em grandes momentos e grandes embates políticos para que chegássemos ao dia de hoje. Eu que estou aqui neste Parlamento há 20 anos e presidindo



esta Casa há mais de três anos, diria que este é mais um momento importante. Um dia muito especial. Esta Bahia, como você disse, que é a Bahia de Jorge Amado, que é a Bahia de Anísio Teixeira, que é a Bahia de Mangabeira, que é a Bahia de Rui Barbosa, que é a Bahia de Castro Alves, agora passa a ser também a Bahia de Emiliano José. Está encerrada a sessão. (Palmas)